

Globethics Repository



Ciências das Religiões [Sciences of Religions]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Miele, Neide;Possebon, Fabricio
Publisher	Universidade Federal de Juiz de Fora
Rights	Creative Commons Copyright (CC 2.5)
Download date	2026-09-18 02:18:22
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/220057

Ciências das Religiões: proposta pluralista na UFPB¹

Sciences of Religions: a pluralist proposal in UFPB

Neide Miele*
Fabrício Possebon**

Resumo

Com base no ponto de vista fundamental da tolerância, foram criados os cursos de Ciências das Religiões na Universidade Federal da Paraíba, cumprindo um papel social na realidade do Nordeste brasileiro. Este artigo apresenta a sua história e perspectivas, valendo-se principalmente da documentação institucional.

Palavras-chave: *ciências das religiões, tolerância religiosa, ensino religioso.*

Abstract

Based on the fundamental point of view of tolerance, were created courses of Sciences of Religions at the Federal University of Paraíba, fulfilling a social role in the reality of the Brazilian Northeast. This article presents the history and prospects, relying mainly on institutional documentation.

Key-words: *Sciences of Religions, religious tolerance, religious education.*

¹ Recebido em 22/05/2012. Aprovado em 10/09/2012.

* Prof^a Dr^a do Departamento de Ciências das Religiões – Centro de Educação, UFPB. Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, no biênio 2007-2008. Atualmente é Vice-Chefe do Departamento.

** Prof. Dr. do Departamento de Ciências das Religiões – Centro de Educação, UFPB. Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, no biênio 2010-2011. Atualmente é Coordenador da Graduação (Licenciatura e Bacharelado).

1. Contexto²

Neste artigo apresentamos a proposta do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UFPB, com seus princípios norteadores, sua história e perspectivas. Ele se insere, de imediato, em seu contexto local, atendendo a uma demanda real e concreta, todavia sempre teve um olhar voltado para o todo, aqui referindo-se não apenas ao nosso país, mas também observando-se as tendências internacionais.

A título introdutório, procuraremos apresentar um vasto panorama em que as discussões sobre questões religiosas parecem fazer sentido, pensando em um mundo complexo e fragmentado, marcado pela imposição da urgência. Mais do que isto, parece mesmo uma necessidade imperativa já que inúmeras “verdades” que mantinham nossa crença na racionalidade foram abaladas por fenômenos que, de algum modo, direta ou indiretamente, estão relacionados com o fenômeno religioso.

Nesta visão panorâmica, recordemos que, após as Revoluções Industrial e Francesa, decretou-se o chamado “crepúsculo dos deuses”. O paradigma teológico, salvacionista pela fé, até então vigente, foi substituído pelo paradigma mecanicista e a produção em série prometia o fim da fome e da escassez medieval, a partir de produções inesgotáveis de bens. Entretanto, há pouco mais de dois séculos da simbólica “Queda da Bastilha”, na França revolucionária, somos forçados a admitir que o prometido não foi cumprido, não para todos, como hipoteticamente se pretendia. A substituição do artesão medieval, com suas guildas, pela linha de montagem capitalista aumentou sem dúvida a produção, mas não a ponto de afastar a fome do mundo e a pobreza da maioria dos povos, não pela falta de produção, mas pela má distribuição das riquezas produzidas, o que parece ser até mais perverso. Pouquíssimos consomem a maior parte da produção enquanto a

² Este texto introdutório, seguido dos pressupostos teóricos, pertence aos projetos de criação dos cursos de Pós-Graduação e Graduação em Ciências das Religiões, que são documentos fundantes de nossa área, na UFPB, e de circulação interna. Nós os consideramos muito importantes porque traduzem o “espírito” de nossa proposta. Aqui os reproduzimos em parte alterados.

maioria amarga uma miséria sem fim, como qualquer estatística não tem dificuldade em demonstrar. E o *Deus ex machina* então parece ter ruído. O paradigma mecanicista alavancou, sim, a ciência e fez dela a detentora de uma “verdade absoluta”. Nada então parecia ser mais confiável que uma *verdade cientificamente comprovada*. Essa segurança na ciência substituiu, no momento, a fé, a crença e o imponderável. Entretanto, depois de Einstein, a ciência ainda viria a se deparar com a dura verdade da relatividade, ou melhor, um novo paradigma começava a se esboçar.

Não se pode portanto dizer corretamente que o mundo newtoniano prefigura em suas grandes linhas o mundo einsteiniano. É extemporaneamente, quando de improviso se está instalado no pensamento relativista, que se reencontram nos cálculos astronômicos da Relatividade — por mutilações e abandonos — os resultados numéricos fornecidos pela astronomia newtoniana. Não há pois transição entre o sistema de Newton e o sistema de Einstein. Não se vai do primeiro ao segundo acumulando conhecimentos, redobrando de cuidado nas medidas, retificando ligeiramente os princípios. Pelo contrário, é preciso um esforço de novidade total [Bachelard, 1988, p. 23].

A “verdade absoluta” deixa de existir! Cada verdade científica é “verdadeira” até ser ultrapassada por outra, como o exemplo acima procurou demonstrar.

Com o fim da segunda Guerra Mundial e com a explosão da bomba atômica, marca do horror a que pode chegar o conhecimento técnico-científico, começa então um novo paradigma: o cibernético. Ainda nas grandes promessas da modernidade, recordemos que a energia nuclear pretendia ser barata e interminável. Os computadores pessoais acabam por invadir a vida do cidadão comum a ponto de emergirem como indicador social, nos levantamentos estatísticos. O *analfabeto*, aquele que desconhece o *alfabeto*, foi substituído pelo *analfainfo*, aquele que não é habilitado no uso da *informática*, como ficou pejorativamente conhecido. A cibernética passou a ser um dos parâmetros mais importantes do mundo contemporâneo e, como tudo, pode estar a serviço de causas coletivas ou puramente individuais e mesmo egoístas. Ela internacionaliza e democratiza a

informação da mesma forma que exclui grande parte da população que não tem os recursos necessários para adquirir essas novas tecnologias, demonstrando seu uso contraditoriamente restritivo, embora seja verificada a tendência à queda dos custos.

Cada vez mais então fica patente para o cidadão comum que o produzido é para poucos, as benesses das novas tecnologias também parecem ser para poucos, e a tão propalada *verdade* prometida pela ciência é regida pelo “princípio da incerteza”, como dizia Heisemberg (Prigogine, 2011, p. 144). Hoje, mais do que em qualquer outro período da história, torna-se evidente que a riqueza, a tecnologia, os meios e os bens produzidos coletivamente são usufruídos apenas por uma parcela mínima da população. Não que fosse diferente em outras eras, mas a modernidade acentua o acúmulo, ao que parece. Essa constatação provoca, de um lado, uma espécie de “corrida pelo ouro”, altamente competitiva e conseqüentemente com o afrouxamento das condutas éticas; e, por outro lado, há um desencantamento com as coisas do mundo e um reencantamento com as coisas imateriais. Aqui onde queríamos chegar: os deuses estariam de volta?

Com o conceito de *O Eterno Retorno*, Nietzsche³ defendeu a tese de que o mundo passa indefinidamente e ciclicamente

³ A partir deste parágrafo, são citados diversos autores da tradição. Para os propósitos específicos de nosso artigo, de cada um deles é feita, em poucas palavras, uma síntese de suas ideias. Nas notas que se seguirão, registramos alguma passagem de suas obras, que seja suficiente para abonar nosso ponto de vista. O conceito de eterno retorno de Nietzsche aparece, por exemplo, no aforismo 56 de *Gaia Ciência*: “E se um dia ou uma noite um demônio se esgueirasse em tua mais solitária solidão e te dissesse: ‘Esta vida, assim como tu vives agora e como a viveste, terás de vivê-la ainda uma vez e ainda inúmeras vezes: e não haverá nela nada de novo, cada dor e cada prazer e cada pensamento e suspiro e tudo o que há de indivisivelmente pequeno e de grande em tua vida há de te retornar, e tudo na mesma ordem e sequência — e do mesmo modo esta aranha e este luar entre as árvores, e do mesmo modo este instante e eu próprio. A eterna ampulheta da existência será sempre virada outra vez — e tu com ela, poeirinha da poeira!’ Não te lançarias ao chão e rangerias os dentes e amaldiçoarias o demônio que te falasse assim? Ou viveste alguma vez um instante descomunal, em que lhe responderias: ‘Tu és um deus e nunca ouvi nada mais divino!’ Se esse pensamento adquirisse poder sobre ti, assim como tu és, ele te transformaria e talvez te triturasse: a pergunta diante de tudo e de cada coisa: ‘Quero isto ainda uma vez e inúmeras vezes?’ pesaria como o mais pesado dos pesos sobre o teu agir! Ou, então, como terias de ficar de bem contigo e mesmo com a vida, para não desejar nada mais do que essa última, eterna confirmação e chancela?”

pela alternância da criação e da destruição, da alegria e do sofrimento, enfim, do bem e do mal. Nietzsche poderia estar com razão ao analisar o mundo em que viveu, entretanto, o que vemos hoje *grosso modo* é o compartilhar simultâneo de ambos os lados da polaridade. A alternância cedeu seu lugar à simultaneidade, no qual o bem e o mal, por mais discutíveis que sejam estes termos, disputam o planeta palmo a palmo. Impossível então, nesta visão genérica, não relacionar os dramas atuais vividos pela humanidade com as profecias do *Vishnu Purana* ou com o apocalíptico *Armagedom*. O mundo contemporâneo estaria vivendo em plena guerra de conquista, diferente das guerras anteriores, corporalmente sangrentas, mas parece não haver dúvida que estamos em guerra. A diferença com todas as outras que a humanidade enfrentou é que, na atual, podemos assistir aos ataques confortavelmente instalados em nossa sala de visita. Não sem perplexidade, vimos um “pacífico” Afeganistão ser invadido pelos tanques soviéticos e tornar-se violento. Esta violência foi projetada para dentro dele mesmo, ao destruir seus milenares Budas, e foi projetada para fora transformando aviões de carreira em armas mortíferas. Não foram somente as torres do *World Trade Center* que ruíram, com elas ruiu muito mais. E com a mesma intensidade da queda vertiginosa, a questão religiosa ressurgiu, ganhou importância e passou a ser destaque nos assuntos do cotidiano, como jamais havia sido até então. Esquecidos de que as guerras religiosas sempre fizeram parte do nosso passado, estes acontecimentos contemporâneos serviram para despertar o civilizado Ocidente, assim autodenominado, para os problemas religiosos dentro das seus próprios limites, problemas quase sempre escamoteados e considerados simplesmente políticos.

O religioso está, segundo nosso entendimento, no centro da nossa vida. A disposição para compreender os fenômenos religiosos parece ter ganhado posição de destaque no mundo contemporâneo. Por medo ou por convicção, ou qualquer outro motivo, a religião entrou na pauta de assuntos prioritários em

alguns países, que acabam por decretar o ensino das religiões nas escolas.

Existe uma motivação religiosa nos conflitos bélicos que devastam o mundo e incitam a curiosidade das pessoas para o conhecimento de suas causas, entretanto, é falacioso reduzirmos o interesse pelo fenômeno religioso às suas conotações políticas, como querem alguns governos. Podemos constatar que, efetivamente, há uma ebulição do fenômeno religioso por toda a parte e são muitas, e complexas, as suas causas. A interpretação mais recorrente é a da crise da modernidade, em sentido amplo, que derrubou o mito da satisfação das necessidades humanas pelo aumento da produção, como acima comentamos. Esta de fato aumentou, mas aumentou ainda mais o fosso entre aqueles que têm acesso aos bens e serviços produzidos socialmente e a grande massa dos excluídos. As religiões, tradicionais ou emergentes, refletem de fato a época em que surgem. E, na verdade, mais do que apenas ter informações genéricas que proporcionem certo verniz cultural, exibido no convívio social, temos hoje a necessidade de conhecer em profundidade as várias mensagens que estão disponíveis no mercado simbólico globalizado. Com exceção dos países que confundem governo com credos fundamentalistas, todos os demais parecem estar vivendo o fenômeno da pluralidade religiosa. Mais do que outrora, o Ocidente foi invadido pelos cultos e práticas orientais. Não fazemos aqui um juízo de valor, apenas uma constatação.

A sociedade contemporânea vive agora o chamado fenômeno da globalização, muito discutido e pouco compreendido, o que para alguns é perverso, para outros, promissor. Possivelmente ele tenha, simultaneamente, estas duas características, porém, o que não deixa nenhuma dúvida é a necessidade do estudo das religiões, usado como uma ferramenta essencial para viver num mundo globalizado, num mundo que tem levado ao extremo a dicotomia entre o individual e o coletivo.

Como indivíduos, temos três necessidades existenciais inseparáveis, *grosso modo* dizendo: uma de natureza biológica,

outra de natureza mental ou psíquica, e a terceira de natureza espiritual. Esta concepção trina do ser humano – corpo, alma e espírito – foi mantida pelo cristianismo primitivo até Constantino e é reconhecida pela maioria das religiões ditas “primitivas” e orientais⁴.

Segundo esta concepção, nossas necessidades biológicas poderiam ser resumidas em duas: alimentar-se e reproduzir-se. Acontece que precisamos alimentar não apenas o nosso corpo, mas também a nossa mente e nosso espírito, e este alimento é essencialmente simbólico. Para Ernst Cassirer, no *Ensaio sobre o Homem*, o homem é um animal simbólico e não um animal racional, e necessitaria manter a sua obra, ou seja, só o elemento exclusivamente material não lhe daria satisfação, é necessário “simbolizá-la”:

Mas o homem descobriu um modo de estabilizar e propagar suas obras. Não pode viver sua vida sem expressá-la. Os vários modos dessa expressão constituem uma nova esfera. Tem uma vida própria, um tipo de eternidade através da qual sobrevivem a existência individual e efêmera do homem. Em todas as atividades humanas vemos uma polaridade fundamental, que pode ser descrita de várias maneiras. Podemos falar de uma tensão entre estabilização e evolução, entre uma tendência que leva a formas fixas e estáveis de vida e outra que reompe esse esquema rígido. [Cassirer, 1994, p. 364].

O homem, então, sobrevive pela sua obra, material e espiritual. Quanto às nossas necessidades de natureza espiritual e as possíveis interações com uma realidade mais sutil, religiosa ou mística, estas seriam de natureza essencialmente simbólica. Estamos imersos em uma realidade simbólica na qual a religião pode ser considerada o elemento principal. Deixar o fenômeno religioso apenas como questão de fé e de foro íntimo, ou seja, sem uma abordagem realmente científica, é não compreender

⁴ Na terminologia grega: *sôma*, *psykhé*, *pneúma*, tranposta para o latim: *corpus*, *anima*, *spiritus*. Evidentemente, aqui apresentamos uma partição simples da questão. O próprio vocabulário antigo revela uma enorme complexidade na constituição do indivíduo: *thymós*, *ménos*, *noûs*, termos gregos traduzidos para o latim como *aninus*, *mens*, *intellectus*. Compare também o sânscrito: *purusha*, *manas*, *citta*, *buddhi*, *mahat*.

os aspectos culturais e as implicações sociais, econômicas e até mesmo bélicas que ele impõe.

Compreender o indivíduo em suas três necessidades existenciais inseparáveis, biológica, mental e espiritual — corpo, alma e espírito — ajudará, segundo pensamos, a compreender que a vida social é construída pelo próprio ser humano, coletivamente: sua economia, sua cultura, sua educação, seus sistemas de governo, sua política, seu conhecimento, suas religiões, etc. As necessidades individuais e coletivas não se excluem, elas se complementam, e estas polaridades estão sempre em busca do equilíbrio. Quando não consideradas em sua complementaridade elas geram a exclusão. Um aspecto irrefutável da existência humana é que vivemos em grupos, formamos sociedades, mas antes de tudo somos indivíduos. Não importa o quão democrática seja uma sociedade, sempre vamos ver o coletivo através de uma ótica individual. O coletivo é “construído” pelos indivíduos que compartilham valores éticos, costumes, tradições, crenças, que norteiam a política, a educação e demais aspectos da vida em sociedade. O individual antecede o coletivo, daí a importância da educação para um convívio social sadio. Partimos então do pressuposto que “a ignorância é a mãe da intolerância” e que a única maneira de forjar a convivência pacífica entre as religiões é através da informação e do conhecimento. Esta é a razão primeira que justifica a proposição dos cursos de Ciências das Religiões, que têm o intuito de contribuir para a construção de uma sociedade harmoniosa, tolerante para com os diferentes, fundamentada na ética e no respeito às minorias.

2. Nossos pressupostos teóricos para o estudo acadêmico das religiões

O fenômeno religioso, enquanto objeto de análise, reconhecido pela ciência, remonta ao nascimento das Ciências Sociais. Ao fazermos uma análise dos autores e da produção teórica dos fundadores das Ciências Sociais verificamos que eles se debruçaram sobre o fenômeno religioso. Émile Durkheim

escreveu o clássico *As formas elementares da vida religiosa*. Max Weber, não menos famoso, escreveu *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Marcel Mauss, sobrinho de Durkheim, deu valiosa contribuição com seus estudos sobre a dádiva. É atribuído a Karl Marx⁵ a sentença: a religião é o ópio do povo. Independente da autoria, é inegável que o controle ideológico exercido pela religião fez parte do objeto de estudo e das preocupações teóricas de Marx. Estes autores, dentre muitos outros que se dedicaram a compreender o fenômeno religioso, nasceram no século XIX e deram o melhor de sua produção no início do século XX.

Para Durkheim, o sagrado é o traço essencial dos fenômenos religiosos e se define por estar em oposição ao profano⁶. Sagrado e profano fariam de dois mundos contrários, em torno dos quais gravita a vida religiosa. As coisas e seres sagrados, segundo ele, protegeriam o indivíduo e a comunidade das interdições, enquanto os seres e coisas profanas seriam os elementos submetidos às interdições e só entrariam em contato com os primeiros através de ritos prescritos pela crença que sustenta essa divisão do mundo. O sagrado seria um anseio de potência, de uma energia que agiria sobre o profano. Este é um vértice no estudo da religiosidade que procura compreender a organização social, a partir de algumas categorias utilizadas como referenciais.

Rudolf Otto teorizou sobre o sagrado em sua obra homônima. Ele fala de uma dimensão especial da existência a que chama de “mistério tremendo e fascinante”. Otto aborda o sagrado como uma categoria que denota a manifestação do *numen*, que é uma palavra derivada do latim que significa “vontade divina”, “atuação divina” ou “essência divina”, caracterizando algo totalmente distinto

⁵ “A miséria *religiosa* constitui ao mesmo tempo a expressão da miséria real e o protesto contra a miséria real. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração e a alma de situações sem alma. A religião é o *ópio* do povo” (Hegel, 2005, p. 146).

⁶ “A divisão do mundo em dois domínios que compreendem, um, tudo o que é sagrado, outro, tudo que é profano, tal é o traço distintivo do pensamento religioso” (Durkheim, 2003, p. 19).

de qualquer outra experiência⁷. Desta forma, o sagrado apresenta-se como uma realidade de ordem absolutamente diversa da realidade natural. Descrevendo as características desse fenômeno, esse autor fala da experiência do *mysterium tremendum*, uma vivência fascinante perante o ser ou objeto sagrado.

O romeno Mircea Eliade, outro clássico teórico da fenomenologia das religiões, em seu livro *O sagrado e o profano*, elogia Otto e diz que seu sucesso como estudioso de religiões se deve a essa nova perspectiva que passou a abraçar. Em vez de estudar termos como Deus e religião, ambos analisaram vários tipos de “experiência religiosa” dos seres humanos. Sua maior contribuição foi a diferenciação entre *Sagrado e Profano*⁸. Eliade começa com uma definição muito simples do que é o sagrado: é o oposto de profano. Em seguida, põe-se a considerar o significado dessas palavras para o sensocomum. Sagrado indica algo que é separado e consagrado; profano denota aquilo que está em frente ou fora do templo. Porém, indo mais fundo no conceito, Eliade acredita que o homem entra em contato com o sagrado porque este se manifesta como algo totalmente diferente do profano, independentemente do espaço da manifestação. Muita profanação acontece dentro dos Templos e coisas muito sagradas acontecem em espaços popularmente chamados de profanos. Para Eliade a diferenciação entre o Sagrado e o Profano está na intenção do ato e não no espaço onde ele ocorre. Ele chama esta manifestação de *hierofania*, palavra grega que significa, literalmente, “*algo sagrado está se revelando para nós*”. É o que sempre acontece, não importa se o sagrado se manifesta em uma pedra, numa árvore, num animal, numa imagem ou em Deus. Para Eliade, a vivência do sagrado não é, em si mesma, religiosa. Para que a experiência religiosa aconteça torna-se necessário não tanto a presença de divindades, mas a convicção de que é possível

⁷ “A este fim forjo, então, um neologismo: o numinoso (pois se de *omen* se forma *ominoso*, e de *lumen*, *luminoso*, também é lícito fazer com *numen*, *numinoso*)” (Otto, 2005, p. 15).

⁸ “O leitor não tardará a dar-se conta de que o sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no Mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo de sua história” (Eliade, 2001, p. 20).

experimentar um princípio de unicidade. Quando o sagrado assume esta dimensão torna-se compreensível a necessidade de conferir significado a todos os atos fundamentais da vida, sejam eles a alimentação, a reprodução, a sexualidade, o trabalho e o lazer. O sagrado não implica a crença em Deus, nos deuses ou em seres imateriais. Ele é para o ser humano a fonte da consciência de sua existência no mundo. Neste sentido, é um fenômeno interno que se complementa ao externo.

Esta bipolaridade entre o interno e o externo caracteriza um intercâmbio contínuo entre sujeito e cultura, sujeito e realidade compartilhada. A possibilidade de criar símbolos e ações que veiculem as concepções resultantes de sua experiência de vida para a realidade cultural leva o ser humano a ter uma vivência estética e transcendente. E esta experiência se caracteriza pela aprendizagem da apreensão do seu ser como transcendendo a sua experiência imediata e alcançando uma possibilidade de viver além do tempo e do espaço.

Uma outra hipótese interpretativa da natureza ambivalente do sagrado nos é proposta por Georges Bataille, em particular em sua obra *O Erotismo*. Para ele a ambivalência do sagrado e do profano não é mais do que a expressão da polaridade antropológica que caracteriza a própria polaridade humana. É a eterna luta entre o bem e o mal, não fora, mas dentro de cada ser humano. Em todos os níveis da existência humana é possível surpreender uma clivagem entre duas esferas, entre estes

dois mundos. O mundo sagrado é o universo das interdições enquanto o mundo profano corresponde ao das transgressões⁹.

Para Sigmund Freud a morte e a sexualidade constituem as interdições por excelência, necessárias ao processo de hominização. Sigmund Freud produziu o texto *Totem e Tabu*, resultado de uma pesquisa bibliográfica sobre Antropologia Cultural, no que se refere às origens das civilizações, dedicando uma longa passagem à questão do horror ao incesto como ponto nodal da criação da civilização humana¹⁰. Neste texto Freud foi influenciado Jung. As hipóteses junguianas que associam o delírio psicótico com a produção mítica dos povos primitivos, apresentadas em seu livro *Sobre a Psicologia da Demência Precoce*, de 1906, encantaram o mestre da psicanálise. Foi a leitura desse livro que despertou em Freud o interesse

⁹ “Mas a confusão é introduzida, e mantida, pelos sentimentos de medo, sem os quais não se concebe o âmago da religião. A cada instante o recuo que o salto exige é tido como a essência da religião. Essa visão é evidentemente incompleta e seria fácil superar o mal entendido se a inversão profunda, que sempre se ajusta às intenções do mundo racional ou prático, não servisse de base para um salto interior que permite a mudança. Nas religiões universais, do tipo do cristianismo e do budismo, o medo e a náusea preludiam as fugas de uma vida espiritual ardente. Ora, essa vida espiritual, que se funda no reforço dos primeiros interditos, tem, entretanto, o sentido da festa, ela é a transgressão, não a observação da lei. No cristianismo e no budismo, o êxtase é conseguido ao se ultrapassar o horror. O acordo com o excesso que devasta tudo é às vezes até mais agudo em religiões em que o medo e a náusea corroeram mais profundamente o coração. Não há sentimento que conduza à exuberância com mais força que o sentimento do nada. Mas a exuberância não significa em absoluto a destruição, mas a superação do abatimento, a transgressão [Bataille, 1987, p. 46].

¹⁰ “Nas páginas precedentes não houve muita oportunidade de demonstrar como uma nova luz pode ser lançada sobre os fatos da psicologia social pela adoção de um método psicanalítico de abordagem, pois o horror ao incesto apresentado pelos selvagens já foi há muito tempo identificado como tal e dispensa interpretações adicionais. Tudo o que pude acrescentar à nossa compreensão dele foi dar ênfase ao fato de que se trata fundamentalmente de uma característica infantil, e que revela uma notável concordância com a vida mental dos pacientes neuróticos. A psicanálise nos ensinou que a primeira escolha de objetos para amar feita por um menino é incestuosa e que esses são objetos proibidos: a mãe e a irmã. Estudamos também a maneira pela qual, à medida que cresce, ele se liberta dessa atração incestuosa. Um neurótico, por outro lado, apresenta invariavelmente um certo grau de infantilismo psíquico; ou falhou em libertar-se das condições psicosexuais que predominavam em sua infância ou a elas retornou; duas possibilidades que podem ser resumidas como inibição e regressão no desenvolvimento. Assim, as fixações incestuosas da libido continuam [ou novamente começam] a desempenhar o papel principal em sua vida mental inconsciente” (Freud, 2006, p. 15).

por Jung. A aproximação entre neurose, mitologia dos povos primitivos e infância se constituiriam nos temas de *Totem e Tabu*. Nele Freud fortalece sua tese sobre o complexo de Édipo e introduz a discussão no campo antropológico. Esta redução dos mitos fundantes da cultura à sexualidade será considerada por Carl G. Jung um reducionismo e este foi o estopim para o seu distanciamento teórico com Freud. Tal distanciamento alargou-se devido aos divergentes pontos de vista de ambos sobre o fenômeno religioso. Freud considerava que a necessidade religiosa expressava uma infantilidade da psique. Jung, ao contrário, dava muita importância ao fenômeno religioso, considerando-o estruturante.

A partir dessas breves pontuações feitas por alguns autores pode-se perceber que o foco de interesse dos representantes clássicos da Fenomenologia da Religião está na experiência humana do numinoso, na construção do si-mesmo e na relação com o “outro”, constituindo-se em elemento-chave para a história da humanidade.

Dentro dessa perspectiva torna-se mais que justificável a criação de uma área específica de conhecimento, as Ciências das Religiões, a fim de estimular estudos e pesquisas que contribuam para uma compreensão cada vez maior do ser humano e da vida em sociedade.

3. Breve histórico da questão do ensino religioso no Brasil

A questão do ensino religioso é de particular interesse para nós, haja vista que o próprio Departamento de Ciências das Religiões, com os cursos de graduação e pós-graduação, situam-se no Centro de Educação, na Universidade Federal da Paraíba. Dada esta importância, então desenvolveremos um pouco o assunto.

Na história da educação brasileira, o ensino religioso sempre se constituiu numa questão de fé e de doutrinação

religiosa, amplamente exercida por apenas uma vertente. Até a expulsão dos Jesuítas pelo Marquês de Pombal, o ensino ficou praticamente restrito aos seminários e colégios católicos. Esta situação perdurou durante todo o período colonial, uma vez que a escola pública ainda não existia. Introduzida durante o Império, a incipiente rede pública foi ampliada a partir de 1930, porém o ensino religioso continuou sendo doutrinário e uma prerrogativa da Igreja Católica.

Com a implantação do regime republicano deu-se a separação entre Estado e Igreja. A primeira Constituição da República (1891) estabeleceu que “seria laico o ensino ministrado nos estabelecimentos oficiais de ensino”. Apesar deste dispositivo a Igreja Católica continuou exercendo o ensino religioso na escola pública. Com a crescente complexidade da realidade sociocultural do Brasil, a Constituição de 1934, em seu artigo nº 153, menciona pela primeira vez o ensino religioso: “O ensino religioso será de matrícula facultativa e ministrado de acordo com os princípios da confissão religiosa do aprendiz (...) e continuará matéria dos horários nas escolas públicas primárias, secundárias, profissionais e normais”. Desde então a matrícula facultativa e o princípio da confissão religiosa do aprendiz se consolidaram numa espécie de ranço histórico, que foi mantido na Constituição Cidadã de 1988 e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996. Esta última, ao ser sancionada, oferecia um ensino religioso confessional e sem ônus para o Estado. Os legisladores deram esta redação por entenderem que, sendo o ensino religioso uma prerrogativa das igrejas, estas deveriam arcar com os custos de tal atividade. Assim sendo, a concepção do ensino religioso nas escolas públicas continuou sendo a mesma de sempre: uma questão de fé e de doutrinação religiosa.

Esta situação foi alterada em 1997, com a aprovação de um substitutivo de autoria do Deputado Federal Pe. Roque, que resultou na Lei nº 9.475, que teve a seguinte redação:

Art. 33: O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo.

§ 1º - Os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos do ensino religioso e estabelecerão as normas para a habilitação e admissão dos professores.

§ 2º - Os sistemas de ensino ouvirão entidade civil constituída pelas diferentes denominações religiosas para a definição dos conteúdos do ensino religioso.

Esta Lei apresenta alguns avanços ao considerar o ensino religioso como “parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil”, assim como atribuir aos sistemas de ensino a incumbência de regulamentar e definir os conteúdos, bem como o estabelecimento de normas para a habilitação e admissão dos professores. Sem dúvida, este foi um grande passo para que o ensino religioso deixasse de ser tratado apenas como uma questão de fé e prerrogativa dos credos confessionais. Entretanto, ainda está longe dele ser abordado como uma área do conhecimento científico, indispensável para o exercício da convivência pacífica em relação ao diferente, bem como para a compreensão do mundo moderno, onde as disputas entre os diferentes credos religiosos se misturam com a política, produzindo as mais sangrentas guerras já presenciadas pela humanidade. Sem o conhecimento dos diferentes fundamentalismos religiosos não é possível compreender as motivações dos grupos e países beligerantes.

O conhecimento das motivações religiosas dos diferentes povos adquire em nossa época sua maior importância. Neste momento, a humanidade vive um profundo paradoxo. De um lado, vivemos um movimento direcionado para o conhecimento do outro, uma abertura para saber quem é aquele diferente de nós mesmos. Aqui no ocidente esta tendência se expressa

simbolicamente no crescente interesse pelo feminino, pelas minorias marginalizadas, pela ecologia, pelo conhecimento do inconsciente, pela meditação, pela yoga, e pelas mais diversas expressões religiosas. Numa sociedade patriarcal, o feminino é o “outro”, assim como o “outro” é tudo aquilo que não é conhecido. A aceitação do outro, a tolerância pelo diferente, constitui-se em peça chave para a constituição do ser humano. A aceitação do “outro” faz-se através do exercício da tolerância. Por outro lado, as falhas no processo de aceitação do outro se constituirão em distúrbios, que se apresentarão em uma gama enorme de possibilidades, desde a má formação da personalidade, no nível individual, até a formação de grupos organizados, ou mesmo de países, que atacam seus semelhantes por se sentirem ameaçados pela diferença do outro. Neste momento, a humanidade vive *grosso modo* a exacerbação dos aspectos narcísicos da personalidade coletiva, reforçados pela excessiva valorização da verdade individual, da força e da competição em detrimento do relacionamento tolerante e do bem-estar comum, como já comentamos acima. As duas polaridades deste paradoxo se apresentam equivalentes no mundo de hoje. Não poder identificá-las, não saber analisá-las, leva o ser humano a deixar-se arrastar pelas circunstâncias do mundo moderno, sem compreender as verdadeiras raízes que estão sob os maiores e mais perversos conflitos vividos pela humanidade.

O estudo das religiões, em suma, na escola pública e particularmente para nós, tem por objetivo dar aos discentes a oportunidade de acesso ao conhecimento da origem das diversas tradições religiosas, dos mais diferentes povos, desde a antiguidade até nossos dias, sem interferir na sua opção religiosa. Entrar em contato com o outro, respeitando as diferenças, é um exercício de convivência pacífica e de construção da cidadania. A função do Estado não é a de privilegiar este ou aquele credo, mas garantir o direito do cidadão de professar o credo de sua escolha. Este direito somente será garantido se houver o exercício da tolerância, se for cultivado o respeito ao outro,

se for exercitado o convívio com a diferença. Estas qualidades não são inatas ao cidadão, elas são ensinadas, aprendidas e exercitadas. Sendo assim elas são prerrogativas da escola pública e não de um segmento religioso. Sendo tratado como área do conhecimento científico, o ensino religioso na escola pública assumirá sua verdadeira dimensão, que é a compreensão dos aspectos históricos, sociológicos, antropológicos e psicológicos do fenômeno religioso. Desde um passado remoto a humanidade busca o transcendente. Cada povo, cada cultura, cada período histórico construiu uma relação específica com o sagrado. Esta dimensão é estruturante para a formação psicossocial de cada indivíduo e ao mesmo tempo é estruturante em relação à convivência harmônica e pacífica dos diferentes grupos em sociedade. Estes são, concluindo, os princípios que queremos defender em nossa proposta, pensando especificamente no ensino religioso.

4. A Universidade Federal da Paraíba - UFPB

A instituição que hoje se denomina Universidade Federal da Paraíba (UFPB) foi criada pela Lei Estadual 1.366, de 02 de dezembro de 1955, e instalada sob o nome de Universidade da Paraíba, como resultado da junção de algumas escolas superiores. Posteriormente, com a sua federalização, aprovada e promulgada pela Lei nº. 3.835 de 13 de dezembro de 1960, foi transformada em Universidade Federal, incorporando as estruturas universitárias existentes nas cidades de João Pessoa e Campina Grande.

A partir de sua federalização, a UFPB desenvolveu uma crescente estrutura *multicampi*, distinguindo-se, nesse aspecto, das demais universidades federais do sistema de ensino superior do país que, em geral, têm suas atividades concentradas num só espaço urbano. Essa singularidade expressou-se por sua atuação em sete *campi* implantados nas cidades de João Pessoa, Campina Grande, Areia, Bananeiras, Patos, Sousa e Cajazeiras.

No início de 2002, a UFPB passou pelo desmembramento de quatro, dos seus sete *campi*. A Lei nº. 10.419 de 9 de abril de 2002 criou, por desmembramento da UFPB, a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), com sede em Campina Grande. A partir de então, a UFPB ficou composta legalmente pelos *campi* de João Pessoa (capital), Areia e Bananeiras, passando os demais *campi* (Campina Grande, Cajazeiras, Patos e Sousa) a serem incorporados pela UFCG.

Dentro do Plano de Expansão das instituições públicas de ensino superior, denominado Expansão com Interiorização, do Governo Federal, a UFPB criou em 2005 mais um *campus*, no Litoral Norte do Estado, abrangendo os municípios de Mamanguape e Rio Tinto. Assim, em 2012, a UFPB está estruturada da seguinte forma: *Campus I*, na cidade de João Pessoa, compreendendo os seguintes Centros: Centro de Ciências Exatas e da Natureza (CCEN); Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA); Centro de Ciências Médicas (CCM); Centro de Ciências da Saúde (CCS); Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA); Centro de Educação (CE); Centro de Tecnologia (CT); Centro de Ciências Jurídicas (CCJ) e Centro de Tecnologia e Desenvolvimento Regional (CTDR); *Campus II*, na cidade de Areia, compreendendo o Centro de Ciências Agrárias (CCA); o *Campus III*, na cidade de Bananeiras, abrangendo o Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias (CCHSA) e o *Campus IV*, nas cidades de Mamanguape e Rio Tinto, com o Centro de Ciências Aplicadas e Educação (CCAE). Novos centros estão em fase de implantação pelo Conselho Universitário (Consuni).

Nos últimos cinco anos, com a adesão ao novo Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades (REUNI), do Governo Federal, a UFPB conseguiu dobrar de tamanho e, hoje, já é a instituição de ensino superior do Norte e Nordeste do país a oferecer o maior número de vagas no seu processo seletivo. Em 2005, a UFPB oferecia cerca de 3.700 vagas por ano. Para 2012, são 8.020 vagas distribuídas pelo Processo Seletivo Seriado (PSS) e pelo ENEM/SISU.

Desde sua criação e ao longo de toda sua história, a UFPB vem cumprindo papel fundamental na promoção do ensino, da pesquisa e da extensão. Na esfera da educação superior, a UFPB tem o reconhecimento social como resultado de sua histórica contribuição, tanto para o avanço científico e tecnológico regional, quanto para a formação de quadros profissionais de excelência para o Estado da Paraíba e para o restante do país, com destaque para a Região Nordeste.

No ensino de graduação, de 2005 para 2011, o número de cursos aumentou de 50 para 104. O número de estudantes matriculados aumentou de 18.759 para 29.629. No ensino de pós-graduação, o número de cursos de mestrado aumentou de 32 para 50 e os de doutorado de 470 para 1.290. A melhoria acadêmica da UFPB é incontestável. Nas avaliações do ensino superior, o MEC utiliza o Índice Geral de Cursos Avaliados da Instituição (IGC), que vai de 1 a 5. A UFPB tem IGC igual a 4. Na pós-graduação, mais de 60% dos cursos obtiveram conceitos do sistema MEC/CAPES acima da nota média. A pesquisa e a produção científica da UFPB são muito bem referidas nacional e internacionalmente. Na Extensão, a UFPB também é referência atuando em oito áreas temáticas: Comunicação, Cultura, Direitos Humanos, Educação, Meio Ambiente, Saúde, Tecnologia e Trabalho. A instituição oferece o Programa de Bolsas de Extensão (PROBEX) para estudantes de graduação. As fontes de financiamento da extensão vêm de recursos da própria UFPB, de editais do Ministério da Educação (MEC), a exemplo do PROEXT, além de incentivos da Petrobrás e Banco do Nordeste.

5. O Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões

As Ciências das Religiões já tem uma história na UFPB. Em 1994, foi oferecido o componente curricular optativo “Religião e Sociedade” para os alunos do Programa de Pós-Graduação

em Sociologia (PPGS), do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, e reapresentado nos anos seguintes. O interesse e a procura pelos alunos estimulou a criação do RELIGARE, Grupo de Pesquisa em Religião e Religiosidade, cadastrado no CNPq, em 1996, a partir da iniciativa de um grupo de professores e alunos de diferentes áreas disciplinares. O termo latino indica a perspectiva de trabalho do grupo em religar o que foi fragmentado: ciência e religião. Entre 1996-97 foi realizado o primeiro Curso de Extensão. Durante dez anos (1996-2006) o grupo produziu, publicou e orientou inúmeros trabalhos acadêmicos. Mas, o ano de 2005 foi um marco na existência do futuro PPG-CR, ao atender a Comissão Permanente do Ensino Religioso da Secretaria de Educação do Estado da Paraíba, que solicitou um curso de capacitação para os professores da disciplina Ensino Religioso. Assim nasceu o primeiro Curso de Especialização em Ciências das Religiões (*lato sensu*), aprovado pela Resolução nº. 40/2004 do CONSEPE e iniciado em abril de 2005. A este seguiu-se o segundo curso. Estes cursos deram o impulso necessário ao projeto de criação do programa de pós-graduação *stricto sensu*. O PPG-CR foi criado nos termos da Resolução nº 03/2006 do CONSEPE e reconhecido pelo Conselho Técnico Científico da CAPES, em reunião realizada no dia 12 de julho de 2006. A primeira turma teve início em março de 2007, seguida da segunda, em agosto do mesmo ano. A partir de então, as turmas são abertas anualmente.

Quanto ao nome do curso, não foi utilizado “Ciência(s) da Religião” porque o singular tende a pressupor a existência de *um* método científico e de *um* objeto unitário. Entretanto, quem prefere falar de “Ciências das Religiões” o faz porque está convencido tanto do pluralismo metodológico quanto do pluralismo do objeto. Esta foi nossa opção filosófica.

O programa hoje está em sua sétima turma, tendo formado cerca de noventa mestres, atendendo a uma demanda que se mantém estável, cuja concorrência é aproximadamente três candidatos por vaga. Como o curso de graduação em Ciências

das Religiões ainda não formou sua primeira turma, a respeito do qual falaremos logo abaixo, o nosso público ainda vem de formações variadas: filosofia, letras, sociologia, antropologia, história. Isto requer evidentemente estratégias específicas de ação, no sentido de nivelamento dos saberes.

Em 2007 ainda realizamos um Simpósio Internacional em Ciências das Religiões, concebido com a finalidade de apresentar o Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UFPB à comunidade científica, no contexto nacional e internacional. Este evento contou com a presença de François Laplantine, Martin Soares, do Centre de Recherches et d'Études Anthropologiques, ambos da Université Lumière Lyon2, França. Élio Masferrer Kan, da Escola Nacional de Antropologia e História, do México, e Presidente da Asociación Latinoamericana para el Estudio de las Religiones. Fernando Giobellina Brumana, da Universidade de Cádiz, Espanha. Paulo Mendes Pinto, Fernando Campos e José Carlos Calazans, docentes do Curso de Ciências das Religiões da Universidade Lusófona, de Portugal. O Simpósio contou com 17 GTs e mais de 400 inscritos. Na ocasião foi concedido o título *Doutor Honoris Causa* ao Prof. François Laplantine. A partir desta data, temos realizado eventos locais, como jornadas e seminários de estudo.

Caracterizaram-se ao longo destes poucos anos algumas áreas de interesse, que concretamente se constituíram em grupos de pesquisa. As tendências e perspectivas futuras do Programa centram-se no aperfeiçoamento destes estudos; assim nós os citaremos, na sequência, com sua produção acadêmica, como o melhor exemplo do que entendemos ser a nossa proposta pluralista. Não se pode esquecer que o Programa começou a funcionar em 2007.

Grupo de Pesquisa PADMA, dedicado aos Estudos Orientais, publicou pela Editora Universitária da UFPB:

- *Curso Básico de Sânscrito – prathamam padam* (2009), Fabricio Possebon;

- *Cultura Indiana: ensaios e reflexões* (2010), Fabricio Possebon (org.) et alii;
- *Religiões orientais – uma introdução* (2011), Maria Lucia Abaurre Gnerre;
- *Antologia Védica. Edição bilingue: sânscrito e português* (2011), Mário Ferreira (USP), Maria Lucia Abaurre Gnerre e Fabricio Possebon;
- *A concepção da linguagem na poesia arcaica da Índia antiga* (2011), Mário Ferreira (parceria feita entre a UFPB e a USP);

Dedicando-se ao tema da Psicologia da Religião, temos o Grupo NOUS, que já publicou três obras, pela Editora da UFPB:

- *Logoterapia e Análise Existencial* (2011), Thiago Aquino;
- *Logoterapia: investigações teóricas e empíricas* (2011), Thiago Aquino et alii;

- *Logoterapia: poemas e reflexões* (2011), Thiago Aquino.

Com relação ao Ensino Religioso, temos o seguinte, pela Editora da UFPB, ligado ao Grupo FIDELID:

- *Em busca do significado do ser professor de ensino religioso* (2010), Marínilson Barbosa da Silva;
- *Vinde a mim os pequeninos. Práticas educativas da Igreja Católica* (2010), José Mateus do Nascimento.
- *Globalização, Diversidade e Religiosidade* (2011), Glória Escarião et alii;
- *Contribuições para uma epistemologia do Ensino Religioso* (2011), Viviane Cristina Cândido;

O GEPAL dedica-se aos estudos da Teoria do Imaginário de Gilbert Durand. Assim publicaram-se, pela Editora da UFPB, as obras:

- *A catástrofe e o imaginário dos sobreviventes: quando a imaginação molda o social* (2009), Eunice Simões Lins Gomes;
- *Malhação: corpo juvenil e imaginário pós-moderno* (2010), Eunice Simões Lins Gomes et alii;

- *Educação & Religiosidade: imaginários da diferença* (2010), Eunice Simões Lins Gomes e Marcos Ferreira-Santos (USP) *et alii*;

- *Em busca do mito. A mitocrítica como método de investigação do imaginário* (2011), Eunice Simões Lins Gomes (org.) *et alii*.

O Grupo de Pesquisa BERESHIT (em parceria com o Grupo CRENÇAS e o GEPAI) dedica-se aos Estudos judaico-cristãos. Assim publicaram-se:

- *Bereshit: Deus e a Criação* (2007, Editora Ideia), Severino Celestino da Silva e Gad Azaria.

- *Didaqué: ensinamento dos dozes apóstolos* (2008, Editora da UFPB; 2012, Ed. Ideia, 2ª ed.), Severino Celestino da Silva, Sérgio Pereira da Silva (UFG) e Fabricio Possebon;

- *O Evangelho de Marcos* (2010, UFPB), Fabricio Possebon (org.) *et alii*;

- *O Evangelho e o Cristianismo Primitivo* (2010, Ed. Ideia), Severino Celestino da Silva;

- *Judaísmo* (2011, UFPB), Severino Celestino da Silva;

- *O Evangelho Apócrifo de Pedro* (2011, UFPB), Fabricio Possebon e Eunice Simões Lins Gomes (orgs.), *et alii*.

O Grupo de Pesquisa HAGIA SOPHIA interessa-se por Filosofia da Religião e já publicou, pela Editora da UFPB:

- *Fenomenologia e Hermenêutica da Religião* (2011), Deyve Redyson;

- *Introdução ao pensamento de Mircea Eliade* (2011), Deyve Redyson;

- *A Dialética entre o conhecimento de si e o conhecimento de Deus, no livro X das Confissões de Santo Agostinho* (2011), Suelma de Souza Moraes.

Voltando a atenção para os novos movimentos religiosos, os milenarismos e as tradições populares, aqui incluindo-se as indígenas e afro-brasileiras, eis a produção, vinculada ao Grupo CRENÇAS e ao Grupo KUABA, publicada pela Editora da UFPB:

- *Religiões: Múltiplos Territórios* (2007), Neide Miele [org.] et alii.
- *O que é messianismo milenarista* (2008), Fabricio Possebon [org.] et alii.
- *Folia de Reis. Tradição sustentada pela fé* (2009). Alessandra Franceschini e Larissa Canhas.
- *Viajantes, Índios e Jesuítas* (2010), Maria Lucia Abaurre Gnerre.
- *De fora do terreiro* (2010), Dilaine Soares Sampaio de França^{II}.
- *Nos trilhos da modernidade, a locomotiva da fé* (2011), Fernanda Lemos.
- *Trabalhadores, Transeuntes & Pentecostais* (2011), Fernanda Lemos.
- *Memória Tabajara. Manifestação de fé e identidade étnica* (2012), Lusival Barcellos e Eliane Farias.
- *Movimentos Messiânico-milenaristas* (2012), Fernanda Lemos [org.] et alii.

O paganismo das culturas antigas, bem como a tradição greco-latina literária, é objeto de estudo, no Grupo CRENÇAS:

- *A saga de Mem de Sá [De Gestis Mendi de Saa] de José de Anchieta* (2007, UFPB/Zarinha Centro de Cultura; 2010, UFPB, 2ª ed.), Fabricio Possebon;
- *Hero e Leandro de Museu* (2008, UFPB), Fabricio Possebon, Milton Marques Junior e Sérgio Pereira da Silva (UFG);
- *Antologia Bucólica* (2007, UFPB), Fabricio Possebon, Leyla Brito, Arturo Gouveia, et alii.
- *Os mitos e suas abordagens* (2008, Zarinha Centro de Cultura), Fabricio Possebon [org.] et alii.

^{II} Trata-se da dissertação de mestrado, defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião — Universidade Federal de Juiz de Fora. No prelo, encontra-se a tese de doutorado da mesma professora, defendida também na UFJF, igualmente versando sobre a temática das religiões de matriz afro-brasileira.

- *Tò thaumastón: o maravilhoso. Introdução ao pensamento grego arcaico*. (2008, UFPB/Zarinha Centro de Cultura), Fabricio Possebon.

- *O trágico em cena: fundamentos para o estudo da tragédia* (2010, UFPB), Leyla Brito.

- *Mitologia Nórdica* (2011, UFPB), Neide Miele e André Miele Amado.

- *Mitologia do Egito* (2011, UFPB), Neide Miele.

- *Arte Sacra Greco-Romana* (2011, UFPB), Maria Lucia Abaurre Gnerre e Neide Miele.

Na avaliação da Capes, a qualidade de nossas dissertações foi considerada boa. Foram publicados os seguintes mestrados, igualmente pela Editora da UFPB (salvo indicação contrária), recordando que a primeira dissertação foi defendida em 2009:

- *Religião e Sofrimento. Teodicéias espiritualistas em ação* (2009), Marileuza Fernandes;

- *Rosacruzianismo – história e imaginário* (2009), Vítor Lins Oliveira;

- *Graal: o caminho do guerreiro* (2009), André Miele Amado;

- *A evolução da concepção de pecado – a posição oficial da Igreja Católica* (2010), Pedro Miguel Melo de Almeida;

- *Psicografia: verdade ou fé?* (2010), Iracilda Cavalcante de Freitas Gonçalves;

- *Religiosidade na Parahyba colonial: o trabalho da catequese franciscana entre os nativos* (2010, Fundação Casa de José Américo), Idelbrando Alves de Lima;

- *O lado negro da fé, Irmandades de Areia e Santa Rita do séc. XIX* (2010, Ed. Sal e Terra), Siéllysson Francisco da Silva;

- *A violência contra a mulher no contexto evangélico* (2011), Maria da Conceição Casado da Silva;

- *O imaginário cristão seiscentista: uma análise histórico-simbólica da obra “O Peregrino” de John Bunyan* (2011), Estevão Domingos de Oliveira Neto.

Concluindo, apresentamos dois outros trabalhos, desenvolvidos pelos nossos então mestrandos, publicados com o apoio do Programa, pela Editora da UFPB:

- *As Dores d'Alma. O sofrimento no imaginário espírita* (2008), Marileuza Fernandes;
- *Planejamento Estratégico Participativo para Igrejas* (2011), Filipe de Oliveira Guimarães.

Este catálogo, com 54 livros publicados desde o surgimento do Programa, em 2007, até o ano de 2011 (duas obras da lista já são do início de 2012), representa incontestavelmente a nossa proposta - que queremos denominar pluralista. Pela observação dos títulos, aqui organizados pelas áreas de interesse e investigação, pode-se notar a variedade de assuntos. Quando dizemos, e nossa ênfase é no ensino religioso, que queremos um estado de tolerância entre as religiões, concretamente isto precisa ser traduzido pela divulgação do saber. Vamos repetir então as palavras acima mencionadas, que temos sempre presentes, em nossas ações: “a ignorância é a mãe da intolerância”.

6. Os cursos de graduação (licenciatura e bacharelado)

Um capítulo a mais em nossa história é a criação dos cursos de Graduação, como acima dito, no Centro de Educação da UFPB. Para além da fé, o estudo do fenômeno religioso na escola pública deve recuperar a história das diversas religiões, dos mais diferentes povos, desde a antiguidade até hoje, dando aos discentes a oportunidade de compreender as relações que o ser humano estabelece com o transcendente, com o divino, com o sagrado, e de como ele aplica suas crenças nas relações que estabelece com a sociedade em que vive, e consigo próprio. Esta nova concepção de ensino religioso contou com a atuação marcante do Fórum Nacional Permanente de Ensino Religioso (instalado em junho de 1995 em Florianópolis), ao conseguir que o ensino religioso fosse:

1. considerado como parte integrante da formação básica do cidadão;
2. assegurado o respeito à diversidade cultural e religiosa do Brasil;
3. desenvolvido sem quaisquer proselitismos.

Com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) o ensino religioso, sempre um dos nossos focos principais, marca um fato histórico na educação brasileira: pela primeira vez, pessoas de várias tradições religiosas, enquanto educadores, conseguiram encontrar o que há de comum numa proposta educacional que tem como objetivo o Transcendente. Como os PCN do ensino religioso compreendem a sistematização do fenômeno religioso a partir das raízes das tradições religiosas orientais, ocidentais e africanas, há necessidade de um profissional de educação conhecedor da complexidade sociocultural da questão religiosa, capacitado para transmitir os conteúdos referentes às mais diversas tradições religiosas, sem proselitismo, doutrinação ou preconceito. Assim como para as demais áreas, a política dos PCN do Ensino Religioso pressupõe a elaboração ou revisão dos currículos e a respectiva capacitação do quadro do magistério público. Estes são os princípios norteadores de nossa Licenciatura. Já o Bacharelado tem por objetivo formar *religiólogos*, especialistas em religiões, aptos a desempenhar atividades de pesquisa, consultoria e assessoria a órgãos de pesquisa, governamentais ou não, confessionais ou não, para assuntos relacionados às religiões, religiosidades e crenças populares, capacitados para interpretar de forma isenta o fenômeno religioso como expressão cultural e patrimônio imaterial de todos os povos, além de interpretar do ponto de vista científico as escrituras sagradas das diferentes tradições religiosas. Além desse objetivo fundante, o Bacharelado pretende contribuir com estudos e pesquisas que estimulem a superação dos preconceitos e contribuam para a construção de uma sociedade harmoniosa, tolerante para com os diferentes, fundamentada na ética e no respeito às minorias. Além das

justificativas de cunho legal, ético e filosófico, o Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, “exige” a existência de um Bacharelado que o alimente. Com formação para a pesquisa, o aluno de graduação eleva o nível e a qualidade da Pós-Graduação.

Conclusão

Seguindo a tendência mundial de integração, intercâmbio e troca, a nossa área de Ciências das Religiões, na UFPB, busca parcerias em todos os níveis. Ainda que geograficamente o Nordeste brasileiro se distancie dos tradicionais centros produtores do conhecimento, a comunicação moderna vence todas as barreiras e permite de imediato qualquer interação. São estas, em síntese, as nossas perspectivas: mais e mais interação, produção conjunta, trocas de experiências, concretamente traduzindo-se em visitas, congressos, bolsas-sanduíche, livros em coautoria. Recordando que em toda a região Norte e Nordeste do Brasil só há três Programas de Pós-Graduação na área, então, em nossa visão de futuro, ocupa lugar preponderante a responsabilidade social que assumimos.

Referências

- BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- BACHELARD, Gaston. *O novo espírito científico*. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- CASSIRER, Ernest. *Ensaio sobre o Homem*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FREUD, Sigmund. *Totem e Tabu e outros trabalhos*. Volume XIII. São Paulo: Imago, 2006.

HEGEL, Geroge F. *Crítica da filosofia do direito*. São Paulo: Boitempo, 2005.

JUNG, Karl Gustav. *Sobre a Psicologia da Demência Precoce*. São Paulo: Vozes, 2011.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

OTTO, Rudolf. *Lo Santo*. Lo racional y lo irracional en la idea de Dios. Madri: Alianza, 2005.

PRIGOGINE, Ilya. *O fim das certezas*. Tempo, caos e leis da natureza. São Paulo: Unesp, 2011.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Thomson Pioneira, 2008.

Documentos oficiais:

Resolução 03/2006 Consepe-UFPB – Regulamento o funcionamento do PPGCR.

Resolução 67/2011 Consepe-UFPB – Aprova o funcionamento do Bacharelado.

Resolução 38/2008 Consepe-UFPB – Aprova o funcionamento da Licenciatura.

Resolução 36/55 – Assembleia Geral das Nações Unidas – contra a intolerância religiosa.

Resolução 47/135 – Assembleia Geral das Nações Unidas – a favor das minorias, inclusive religiosas.

Parâmetros Curriculares Nacionais.